

ASSOCIAÇÃO ENTRE RELIGIÃO, APOIO SOCIAL E USO DE DROGAS EM MULHERES ENCARCERADAS

ASSOCIATION BETWEEN RELIGION, SOCIAL SUPPORT, AND DRUG USE AMONG INCARCERATED WOMEN

ASOCIACIÓN ENTRE RELIGIÓN, APOYO SOCIAL Y USO DE DROGAS EN MUJERES ENCARCELADAS

Cláudia Regina Biancato Bastos¹, Pauline Balabuch², Nicole Mayumi Carneiro Takano³, Gabrielly Hneda Fadel⁴, Cristina Berger Fadel⁵

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4103

Recibido: 26/12/2025 | Aceptado: 29/12/2025 | Publicación en línea: 15/01/2026.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a associação entre religião, apoio social e uso de drogas entre mulheres privadas de liberdade. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo, realizado com mulheres encarceradas em uma cadeia pública do sul do Brasil, no período de março a junho de 2025. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais, contemplando informações sociodemográficas, religião declarada, percepção de apoio religioso no enfrentamento da situação de encarceramento, apoio familiar e uso de drogas ilícitas. As associações entre as variáveis foram analisadas por meio do teste do qui-quadrado de independência, adotando-se nível de significância de 5%. Os resultados evidenciaram associação estatisticamente significativa entre religião como estratégia de enfrentamento do cárcere, sendo que mulheres católicas e evangélicas apresentaram maior percepção de apoio, enquanto mulheres sem religião relataram menor apoio. Não foram observadas associações estatisticamente significativas entre religião e apoio familiar, nem entre religião e uso de drogas. Contudo, a análise descritiva indicou maior ausência de apoio familiar e maior prevalência de uso de drogas entre mulheres sem filiação religiosa. Conclui-se que a religiosidade constitui um importante recurso simbólico e subjetivo no enfrentamento do encarceramento feminino, ainda que seus efeitos sobre o apoio familiar e o uso de drogas sejam mediados por determinantes sociais, históricos e estruturais. Os achados reforçam a necessidade de abordagens interdisciplinares e de políticas públicas que considerem a dimensão espiritual como componente do cuidado integral à saúde de mulheres privadas de liberdade.

¹ Doutora em Tecnologia em Saúde, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: cbiancato@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7788-850>

² Doutor em Ensino de Ciência e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: paulinepb007@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3587-1351>

³ Graduanda em Enfermagem, Faculdade Sagrada Família, Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: niimayumi1@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0977-1511>

⁴ Graduanda em Medicina, Centro Universitário Campo Real, Guarapuava, Paraná, Brasil. E-mail: med-gabriellyfadel@camporeal.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0542-1248>

⁵ Doutora em Odontologia Preventiva e Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araçatuba, São Paulo, Brasil. E-mail: cfadel@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7303-5429>

Palavras-chave: Mulheres. Prisões. Religião. Apoio Social. Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias. Saúde Pública.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the association between religion, social support, and drug use among women deprived of liberty. This is a cross-sectional, descriptive, and quantitative study conducted with incarcerated women in a public jail in southern Brazil between March and June 2025. Data were collected through individual interviews, including sociodemographic information, declared religion, support in coping with incarceration, family support, and illicit drug use. Associations between variables were analyzed using the chi-square test, adopting a 5% significance level. The results showed a statistically significant association between religion and support as a coping strategy for incarceration. Catholic and Evangelical women reported higher levels of perceived religious support, while women without religious affiliation reported lower levels. No statistically significant associations were found between religion and family support or between religion and drug use. However, descriptive analysis indicated a higher absence of family support and a greater prevalence of drug use among women without religion. It is concluded that religiosity represents an important symbolic and subjective resource in coping with female incarceration, although its effects on family support and drug use are mediated by social, historical, and structural determinants. These findings highlight the importance of interdisciplinary approaches and public policies that incorporate spirituality as a component of comprehensive health care for incarcerated women.

Keywords: Women. Prisons. Religion. Social Support. Substance-Related Disorders. Public Health.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar la asociación entre religión, apoyo social y uso de drogas en mujeres privadas de libertad. Se trata de un estudio transversal, descriptivo y cuantitativo, realizado con mujeres encarceladas en una cárcel pública del sur de Brasil entre marzo y junio de 2025. Los datos se recopilieron mediante entrevistas individuales, que incluyeron información sociodemográfica, religión declarada, percepción del apoyo religioso en el afrontamiento de la situación de encarcelamiento, apoyo familiar y uso de drogas ilícitas. Las asociaciones entre las variables se analizaron mediante la prueba de chi-cuadrado de independencia, considerando un nivel de significancia del 5 %. Los resultados evidenciaron una asociación estadísticamente significativa entre la religión como estrategia de afrontamiento del encarcelamiento. Las mujeres católicas y evangélicas presentaron mayor percepción de apoyo religioso, mientras que las mujeres sin afiliación religiosa informaron menor apoyo. No se observaron asociaciones estadísticamente significativas entre religión y apoyo familiar ni entre religión y uso de drogas. Sin embargo, el análisis descriptivo indicó una mayor ausencia de apoyo familiar y una mayor prevalencia de uso de drogas entre las mujeres sin religión. Se concluye que la religiosidad constituye un recurso simbólico y subjetivo relevante en el afrontamiento del encarcelamiento femenino, aunque sus efectos sobre el apoyo familiar y el uso de drogas estén mediados por determinantes sociales, históricos y estructurales. Los hallazgos refuerzan la importancia de enfoques interdisciplinarios y de políticas públicas que incorporen la dimensión espiritual como componente del cuidado integral de la salud de mujeres privadas de libertad.

Palabras clave: Mujeres. Prisiones. Religión. Apoyo Social. Trastornos Relacionados con Sustancias. Salud Pública.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A religião e a espiritualidade têm sido reconhecidas como fatores importantes no enfrentamento de situações de vulnerabilidade social e de saúde. Estudos que apontam associações da prática religiosa na saúde das pessoas vêm aumentando a sua repercussão no âmbito científico, demonstrando relações positivas entre o envolvimento religioso e menores taxas de morbidade e mortalidade (Koenig, 2020; Zimmer *et al.*, 2021), com explicações ainda incompletas sobre o caráter protetor das religiões. O fortalecimento de vínculos, a integração social e as formulações religiosas que auxiliam as pessoas a lidar com o sofrimento, entre outros, surgem inicialmente balizando a religião enquanto um determinante social da saúde (Kawachi, 2019; Akeman *et al.*, 2020).

Considerando essa perspectiva em contextos de cárcere, e com o conhecimento de que mulheres privadas de liberdade frequentemente vivenciam fragilidades no apoio social (Hays *et al.* 2021), histórico de uso de substâncias psicoativas (Green *et al.*, 2022) e condições de saúde mental comprometidas (Smith & López, 2023); um crescente corpo de pesquisas está explorando o impacto da religiosidade sobre comportamentos sociais e de saúde (Martin & Clark, 2024). Uma explicação clássica para os resultados positivos dessas associações apoia-se na Teoria do Controle Social (Hirschi, 1969), a qual preconiza que o comprometimento, os apegos, as crenças e os envolvimento de um indivíduo podem coibir comportamentos desviantes.

Desta forma, a religiosidade tem sido associada tanto a comportamentos sociais mais favoráveis para si e para os outros (Shariff, Willard, Andersen & Norenzayan, 2016), quanto à redução no uso de substâncias lícitas e ilícitas (Gmel *et al.* (2013); Cheney *et al.*, 2014; Acheampong *et al.*, 2015). Especificamente sobre o viés etiológico da drogadição entre mulheres em privadas de liberdade, a literatura mundial aponta que a quebra das relações familiares, do apoio social e de marcadores socioeconômicos estão positivamente associados ao uso mais intenso de drogas (Degenhardt & Hall, 2012; Osborne, Serdarevic, Crooke, Striley & Cottler, 2017; Tolou-Shams, Hadley, Conrad & Brown, 2012).

No entanto, embora a religião e a religiosidade, enquanto experiências com o divino, pareçam despontar como protetoras contra esses comportamentos, sabe-se que a orientação moral e suas regras em relação ao corpo e aos costumes podem vir também de outras fontes, como aspectos culturais, familiares, o Estado e o próprio sistema penal, o que indica ser o uso de substâncias ilícitas parte de um problema comportamental complexo e culturalmente sensível.

Em meio a escassez de trabalhos que abordem aspectos individuais, sociais, religiosos e de saúde no sistema carcerário feminino, o objetivo deste estudo é compreender a associação entre esses fatores e a religião, buscando fornecer subsídios para intervenções em saúde e políticas públicas mais efetivas.

METODOLOGIA

Estudo transversal, descritivo e quantitativo, oriundo de uma prática multiprofissional extensionista, cujo público-alvo foram mulheres privadas de liberdade da Cadeia Pública Hildebrando de Souza de Ponta Grossa (CPHSPG), Paraná, Brasil durante o período de março a junho de 2025.

Dados sociodemográficos, religião declarada, percepção de apoio da religião no enfrentamento da situação de encarceramento, apoio familiar e uso de drogas ilícitas foram coletados por meio de entrevista individual realizada por acadêmicos de graduação de Odontologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e acadêmicos de Enfermagem da Faculdade Sagrada Família (FASF). Os acadêmicos foram treinados por docentes orientadores sobre conduta pessoal e abordagens metodológicas.

Os dados coletados foram organizados em planilhas do Microsoft Excel® e dispostos em tabelas de contingência. As associações entre religião, apoio social e uso de substâncias foram avaliadas por meio do teste do Qui-quadrado de Independência, adotando-se nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

O estudo foi autorizado pela gestão estadual e local da CPHSPG por meio da aprovação pela Polícia Penal com o número do protocolo 23.778.764-1 e foi aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde, sob o parecer número 7.608.038/2025 do Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil. As participantes consentiram com a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou tiveram sua impressão digital colhida, em caso de analfabetismo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do universo de 75 mulheres privadas de liberdade no período do estudo, 60 concordaram em participar. A faixa etária encontrada foi de 20 a 73 anos, com uma média de permanência na cadeia pública de nove meses.

A análise da associação da Religião *versus* Enfrentamento da situação de cárcere, houve resultado estatisticamente significativo comprovado pelo teste de Qui² = 34,8 e valor de p = 0,0005. Evangélicas e católicas apresentaram maior proporção de respostas positivas, enquanto mulheres sem religião relataram menor percepção de apoio. Estudo de Lima *et al.* (2013) corrobora com este achado pois apontam que a prática religiosa em pessoas com privação de liberdade fortalece a resiliência, sentido à vida prisional e reforço psicológico.

Pesquisas com populações encarceradas demonstram que indivíduos que mantêm práticas religiosas ativas tendem a apresentar melhor adaptação ao ambiente prisional, menor desesperança e maior percepção de apoio espiritual, independentemente do apoio familiar ou institucional disponível (Johnson *et al.*, 2016). No caso específico das mulheres privadas de liberdade, a religiosidade assume ainda maior relevância, considerando que o encarceramento feminino frequentemente está associado a trajetórias de abandono, violência e fragilização dos vínculos afetivos (Monteiro *et al.*, 2022).

Além disso, o *coping* religioso-espiritual tem sido associado a menor sofrimento psíquico e maior capacidade de enfrentamento frente a situações incontroláveis, como a privação de liberdade, nas quais estratégias de *coping* focadas no problema tornam-se limitadas (Pargament *et al.*, 2013). Assim, a associação significativa identificada neste estudo reforça a importância da religião como dimensão central no enfrentamento do cárcere, especialmente no que se refere à percepção de apoio religioso.

A Tabela 1 apresenta a distribuição da percepção de apoio familiar segundo a religião das mulheres privadas de liberdade. Embora o teste do qui-quadrado não tenha demonstrado associação estatisticamente significativa entre religião e apoio familiar percebido (p = 0,95), a análise descritiva revela padrões relevantes do ponto de vista psicossocial, especialmente em um contexto de vulnerabilidade extrema como o cárcere feminino.

Tabela 1. Religião da mulher encarcerada frente ao relato de apoio familiar

Religião	Não recebe (%)	Esporádico (%)	Regular (%)	Total (%)
Candomblé	100,0	0,0	0,0	100
Católica	39,1	4,3	56,5	100
Evangélica	40,0	20,0	40,0	100
Evangélica/Católica	100,0	0,0	0,0	100
Não possui	45,5	18,2	27,3	100
Sem informação	50,0	0,0	50,0	100
Umbanda	0,0	0,0	100,0	100
Várias	100,0	0,0	0,0	100

Teste Qui-quadrado: $p = 0,95$ (não houve associação significativa).

Fonte: as autoras, 2025.

Observa-se que mulheres que se declararam católicas apresentaram maior proporção de apoio familiar regular (56,5%), enquanto entre as evangélicas houve uma distribuição equilibrada entre ausência de apoio e apoio regular (40% cada). Em contraste, mulheres que não possuíam religião relataram maior ausência de apoio familiar (45,5%), o que pode indicar maior fragilidade das redes de suporte social nesse grupo.

A literatura aponta que a religião, especialmente em contextos de privação de liberdade, atua como um elemento mediador das relações sociais e familiares, favorecendo a manutenção de vínculos, a esperança e o sentido existencial (Clear & Sumter, 2002; O'Connor *et al.*, 2014). Em particular, religiões cristãs tendem a estimular valores como perdão, reconciliação e apoio familiar, o que pode repercutir positivamente na frequência de contatos e visitas, ainda que essa relação nem sempre se apresente estatisticamente significativa (Johnson *et al.*, 2016).

Estudos nacionais com mulheres encarceradas indicam que a religiosidade pode fortalecer a percepção subjetiva de apoio, mesmo quando o apoio objetivo é limitado, funcionando como um recurso simbólico e emocional frente à ruptura dos laços sociais provocada pelo encarceramento (Freitas *et al.*, 2018). Por outro lado, a ausência de filiação religiosa tem sido associada a menor percepção de suporte social e maior sentimento de abandono, especialmente em populações expostas a múltiplas vulnerabilidades (Monteiro *et al.*, 2022).

Assim, embora o presente estudo não tenha identificado associação estatisticamente significativa entre religião e apoio familiar percebido, os dados descritivos sugerem que a religião pode exercer um papel indireto na vivência do apoio familiar, reforçando a importância de abordagens qualitativas e psicossociais que aprofundem a compreensão dessas experiências no cárcere feminino. Tais achados reforçam a necessidade de considerar a dimensão espiritual e relacional no cuidado às mulheres privadas de liberdade, respeitando a singularidade de suas crenças e ao mesmo tempo incentivando e promovendo ações que contemplem a prática religiosa e/ou espiritual.

Na tabela 2 buscou-se relacionar a religião e o uso de drogas em mulheres encarceradas. Embora não tenha sido identificada associação estatisticamente significativa entre religião e uso de drogas ($p = 0,24$), os dados descritivos revelam tendências relevantes do ponto de vista social e comportamental, especialmente em um contexto de vulnerabilidade como o cárcere feminino.

Tabela 2- Relação entre religião e o uso de drogas de mulheres encarceradas.

Religião	Não usa (%)	Usa (%)
Candomblé	100,0	0,0
Católica	34,8	65,2
Evangélica	55,0	45,0
Evangélica/Católica	0,0	100,0
Não possui	18,2	81,8
Sem informação	0,0	100,0
Umbanda	0,0	100,0
Várias	0,0	100,0

Teste Qui-quadrado: $p = 0,24$ (não houve associação significativa).

Fonte: as autoras, 2025.

Observou-se que mulheres evangélicas apresentaram maior proporção de não uso de drogas, quando comparadas às católicas e àquelas sem religião. Esse achado descritivo converge com estudos que apontam a religião cristã com normas morais mais restritivas, como um possível fator protetivo em relação ao consumo de substâncias psicoativas, ainda que tal relação nem sempre se confirme estatisticamente em análises quantitativas (Johnson *et al.*, 2016; O'Connor *et al.*, 2014). Estudos internacionais também indicam que a religiosidade, especialmente quando associada a sistemas normativos mais restritivos, pode funcionar como fator protetivo frente ao uso de substâncias psicoativas, favorecendo o autocontrole, a adoção de comportamentos saudáveis e a redução de práticas consideradas socialmente desviantes (Johnson *et al.*, 2016; Koenig, 2012). No contexto prisional, tais efeitos tendem a ser mediados mais por aspectos subjetivos e simbólicos do que por mudanças comportamentais imediatas.

Por outro lado, a elevada proporção de uso de drogas entre mulheres sem religião sugere maior exposição a comportamentos de risco e menor acesso a redes simbólicas e sociais de proteção. A literatura indica que a ausência de filiação religiosa pode estar associada a menor suporte social percebido, maior sofrimento psíquico e maior vulnerabilidade ao uso de substâncias, especialmente entre populações marcadas por exclusão social e trajetórias de violência (Monteiro *et al.*, 2022). Além disso, as populações encarceradas, ainda apresentam rupturas familiares, sendo que a religião pode representar uma das poucas fontes estruturadas de apoio simbólico e emocional.

É importante destacar que o uso de drogas entre mulheres encarceradas geralmente antecede o encarceramento e está fortemente associado a fatores estruturais, como pobreza, baixa escolaridade, histórico de violência e sofrimento mental (Fazel *et al.*, 2017). Esses fatores podem atenuar ou mascarar possíveis associações diretas entre religião e uso de substâncias quando analisadas por métodos quantitativos, especialmente em amostras reduzidas ou com distribuição desigual entre os grupos religiosos.

Adicionalmente, estudos apontam que a religiosidade no cárcere pode assumir um papel mais significativo no enfrentamento emocional e na reconstrução do sentido de vida do que propriamente na cessação do uso de drogas, sendo seus efeitos mais evidentes em análises qualitativas ou longitudinais (Clear & Sumter, 2002; O'Connor *et al.*, 2014). Assim, a ausência de associação estatística neste estudo não invalida a relevância da dimensão religiosa, mas indica a necessidade de abordagens analíticas mais amplas e integradas.

Desta forma, os resultados desta pesquisa evidenciam a necessária articulação entre espiritualidade, saúde e questões sociais. Do ponto de vista da saúde coletiva, esses achados reforçam a importância de intervenções que considerem a espiritualidade e a religiosidade como componentes do cuidado integral, considerando os determinantes sociais, históricos e culturais que permeiam os diferentes comportamentos entre mulheres privadas de liberdade.

CONCLUSÃO

A religião mostrou-se associada positivamente à percepção de apoio no enfrentamento da situação de encarceramento, indicando sua relevância como recurso subjetivo de fortalecimento social e psíquico. Apesar de não haver associação estatística com apoio familiar e uso de drogas, padrões descritivos sugerem que a ausência de religião pode estar ligada a maior vulnerabilidade. Os entrevistados identificaram que as expressões de espiritualidade e religiosidade têm influência significativa em suas vidas, uma vez que as reconhecem como elementos fundamentais de sua existência. Sentimentos de paz e confiança ocorrem por meio da “fé” proporcionadas por experiências espirituais e religiosas. Trabalhar com a integralidade da vida requer o desenvolvimento de práticas que contemplem a dimensão espiritual na saúde. A situação prisional quando colocada em conjunto com outros campos da existência, como constitutivos da condição humana, traz um obstáculo à possibilidade da superação de pensamentos fragmentados

e desumanizadores, porém nesta pesquisa pode-se evidenciar que a prática religiosa é um fator que auxilia a transpor tais obstáculos.

REFERÊNCIAS

Acheampong, T., Lasopa, S. O., Striley, C. W., & Cottler, L. B. (2015). Gender differences in the association between religion/spirituality and simultaneous polydrug use. **Journal of Religion and Health**, 54(6), 2201–2213.

<https://doi.org/10.1007/s10943-014-9964-7>

Akeman, E., Smith, A. E., & Smith, C. (2020). Religion, spirituality, and health: A social scientific perspective. **Journal of Religion and Health**, 59(5), 2201–2215.

<https://doi.org/10.1007/s10943-020-00982-5>

Cheney, A. M., Curran, G. M., Booth, B. M., Sullivan, S. D., Stewart, K. E., Borders, T. F., & Curran, G. M. (2014). The role of religion and spirituality in substance use disorder treatment for rural adults. **Journal of Substance Abuse Treatment**, 46(3), 289–298.

<https://doi.org/10.1016/j.jsat.2013.10.008>

Clear, T. R., & Sumter, M. T. (2002). Prisoners, prison, and religion: Religion and adjustment to prison. **Journal of Offender Rehabilitation**, 35(3–4), 125–156.

https://doi.org/10.1300/J076v35n03_07

Degenhardt, L., & Hall, W. (2012). Extent of illicit drug use and dependence, and their contribution to the global burden of disease. **The Lancet**, 379(9810), 55–70.

[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(11\)61138-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(11)61138-0)

Fazel, S., Yoon, I. A., & Hayes, A. J. (2017). Substance use disorders in prisoners: An updated systematic review and meta-regression analysis. **The Lancet Psychiatry**, 4(12), 946–956.

[https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(17\)30405-2](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(17)30405-2)

Freitas, M. H., Oliveira, M. S., & Silva, A. P. (2018). Coping religioso-espiritual e saúde mental de mulheres em situação de cárcere. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 38(4), 758–772.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703000212017>

Green, J. L., Roberts, K. A., & Patel, S. R. (2022). Substance use trajectories among women before and after incarceration: A longitudinal analysis. **Journal of Women's Health**, 31(10), 1345–1354.

<https://doi.org/10.1089/jwh.2021.0304>

Gmel, G., Holmes, J., & Studer, J. (2013). Are religious people less likely to drink? A review of the literature. **Substance Use & Misuse**, 48(12), 1082–1093.

<https://doi.org/10.3109/10826084.2013.799017>

Hays, R. S., Mueller, L. M., & Torres, J. D. (2021). Social support and psychological adjustment in incarcerated women: A multisite study. **International Journal of Prisoner Health**, 17(4), 405–417.

<https://doi.org/10.1108/IJPH-07-2020-0034>

Hirschi, T. (1969). *Causes of delinquency*. University of California Press.

Johnson, B. R., Pagano, M. E., Lee, M. T., & Post, S. G. (2016). Religion, spirituality, and delinquency: A systematic review. **Journal of Offender Rehabilitation**, 55(6), 367–395.
<https://doi.org/10.1080/10509674.2016.1216223>

Kawachi, I. (2019). *Social capital and health*. **Springer**.
<https://doi.org/10.1007/978-1-4614-7464-7>

Koenig, H. G. (2012). Religion, spirituality, and health: The research and clinical implications. **ISRN Psychiatry**, 2012, Article 278730.
<https://doi.org/10.5402/2012/278730>

Koenig, H. G. (2020). Religion, spirituality, and health: A review and update. *Advances in Mind-Body Medicine*, 34(3), 20–35.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33126100/>

Lima, G. M. B., Neto, A. F. P., Amarante, P. D. C., Dias, M. D., & Filha, M. O. F. (2013). Mulheres no cárcere: Significados e práticas cotidianas de enfrentamento com ênfase na resiliência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(7), 1989–1998.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000700023>

Martin, D. R., & Clark, L. M. (2024). Religion, coping, and health behaviors in prison populations: Insights from a mixed-methods study. **Journal of Offender Rehabilitation**, 63(2), 89–110.
<https://doi.org/10.1080/10509674.2024.1801298>

Monteiro, D. D., Reichow, J. R. C., Sais, H. F., & Fernandes, F. S. (2022). Espiritualidade/religiosidade e saúde mental no Brasil: Uma revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública**, 56, 48.
<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004009>

O'Connor, T. P., Li, X., Menke, J., White, G., & Kubiak, S. P. (2014). Religion, coping, and mental health in prison. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 53(1), 145–164.
<https://doi.org/10.1111/jssr.12093>

Osborne, V., Serdarevic, M., Crooke, J., Striley, C. W., & Cottler, L. B. (2017). Nonmedical opioid use in relation to religiosity and spirituality among adults in the United States. **Substance Use & Misuse**, 52(9), 1151–1161.
<https://doi.org/10.1080/10826084.2017.1284239>

Pargament, K. I., Feuille, M., & Burdzy, D. (2013). The Brief RCOPE: Current psychometric status of a short measure of religious coping. **Religions**, 4(1), 51–76.
<https://doi.org/10.3390/rel4010051>

Shariff, A. F., Willard, A. K., Andersen, T., & Norenzayan, A. (2016). Religious priming: A meta-analysis with a focus on prosociality. **Personality and Social Psychology Review**, 20(1), 27–48. <https://doi.org/10.1177/1088868314568811>

Smith, A. B., & López, M. E. (2023). Mental health outcomes among incarcerated women: Prevalence and predictors. **Psychiatric Services**, 74(6), 620–628. <https://doi.org/10.1176/appi.ps.202200609>

Tolou-Shams, M., Hadley, W., Conrad, S. M., & Brown, L. K. (2012). The role of family functioning in drug use among justice-involved youth. **Journal of Substance Abuse Treatment**, 42(2), 197–206. <https://doi.org/10.1016/j.jsat.2011.07.002>

Zimmer, Z., Rojo, F., Ofstedal, M. B., Chiu, C. T., Saito, Y., & Jagger, C. (2021). Religiosity and health: Evidence from global aging studies. *Social Science & Medicine*, 272, 113714. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113714>